

## **METÁFORA NA LSB: DEBAIXO DOS PANOS OU A UM PALMO DE NOSSO NARIZ?**

**Sandra Patrícia de Faria**

### **RESUMO:**

Este trabalho apresenta um recorte de pesquisa-ação desenvolvida em curso de formação de professores de escola pública do DF. O *corpus* gerado compõe-se de fraseologismos e unidades lexicais metafóricas evidenciados no dialeto de Brasília da Língua de Sinais Brasileira (LSB) e extraídos de eventos comunicativos formais ou informais entre surdos e surdos e surdos e ouvintes. Esse *corpus* foi contrastado com o processo metafórico evidenciado na Língua Portuguesa (LP) e classificado segundo semelhanças e diferenças. As análises se sustentam em uma metodologia qualitativa, com abordagem etnográfica, à luz da literatura sobre língua de sinais e metáfora, bem como sob a introspecção da pesquisadora. Acredita-se que esta investigação pode contribuir para a melhor compreensão do ‘mundo dos surdos’ e de sua língua em uso.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Língua de Sinais Brasileira; Metonímia; Metáfora; Fraseologismos.

## **METAPHORS IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: IT'S AS WELL TO KNOW WHICH WAY THE WIND BLOWS**

### **ABSTRACT:**

The present work concerns an action-research carried out in a teacher training course in a public school of the DF. It tried to identify metaphorical lexical units and fraseologisms from the Brasilia variety of Brazilian Sign Language (LSB), and then, it classified these lexical units and fraseologisms according to similarities and differences concerning the metaphorical process in LSB in contrast with Portuguese (LP). The corpus has grown out from formal or informal communicative events that include deaf in interaction with deaf people and/or deaf in interaction with hearing people. The analysis sets up on qualitative methodology and uses ethnographic approach grounded on references on Sign Language, metaphor and the researcher's introspection. This investigation is useful for understanding and analyzing deaf people's reality and language in use, and also helped us to better understand metaphorical and metonymic aspects which are salient and form the base of deaf discourse.

### **KEY WORDS:**

Brazilian Sign Language; Metaphor; Metonymy; Fraseologisms.

## **METÁFORA NA LSB: DEBAIXO DOS PANOS OU A UM PALMO DE NOSSO NARIZ?**

Sandra Patrícia de Faria



Metáfora<sup>1</sup>

*Que mistérios estão subjacentes em um sinal? (...) O que acontece com a forma e com o sentido de sinais comuns em ASL quando eles são articulados e personificados diariamente pelos surdos? O que as metáforas têm mapeado nas 'juntas dos dedos', nos dedos, na pele e nos 'ossos' dos sinais? (WILCOX, 2000, p.xvii)*

### **INTRODUÇÃO**

Os vocábulos das línguas, ao serem concatenados, produzem uma infinidade de trocadilhos cujos significados flutuam dos mais transparentes aos mais opacos; dos mais simples aos mais inusitados; dos mais grotescos aos mais poéticos. Essa recursividade encontra-se carregada da cultura vivenciada pelos indivíduos, na comunidade a que pertence. Por isso, muitas vezes, o que se diz é somente entendido por falantes nativos de dada língua ou por quem se encontra imerso nessa comunidade, por anos trocando, tropeçando e descortinando construções e interpretações das mais variadas, originadas no arcabouço lingüístico e criativo das trocas comunicativas. Exemplo disso está o fato de que questões culturais incorporadas à LP não têm sido transmitidas naturalmente aos surdos brasileiros, como acontece com os ouvintes que, quando crianças, ouvem expressões 'estranhas', mas, aos poucos, vão descobrindo o que realmente elas significam e as naturalizam.

Fruto de reflexões oriundas de pesquisa de Mestrado (FARIA, 2003), este artigo trata da manifestação da metáfora na Língua de Sinais Brasileira (Libras ou LSB), em contraste com as construções metafóricas presentes na LP. O estudo da metáfora pode ser um caminho

---

<sup>1</sup> Este é o sinal de metáfora da ASL. Foi apresentado por Liddell durante curso ministrado na ABRALIN-RJ, em 2003. Apresentado aos participantes da pesquisa, esses discutiram entre si e, por considerarem-no bastante elucidativo, optaram pelo empréstimo do mesmo para referir-se à metáfora também na LSB. O que é dito é o que se vê (apontação na palma da mão) e o que se quer dizer é o que está por trás do que foi dito (apontação no dorso da mão).

para se entender a visão do surdo tanto do ‘mundo ouvinte’ como do seu próprio mundo. Essa visão pode e deve ser aproveitada no ensino de L2 para eles. É preciso lembrar que se trata de um estudo ainda incipiente, mas que pode servir como ponto de partida para inúmeras pesquisas sobre o tema. Por isso menciona muitos aspectos evidenciados sob o rótulo de evidências gerais e hipóteses que devem ser ponderadas e reanalisadas para que sejam confirmadas ou refutadas.

Enfim, para fundamentar as reflexões que se apresentam nesse trabalho, e no intuito de entender como os itens lexicais metafóricos e os fraseologismos<sup>2</sup> se processam na LSB, de forma bastante sucinta, discorre-se inicialmente sobre algumas das diferentes teorias que permeiam os estudos a respeito da metáfora e, muito brevemente, situa a metonímia nesse contexto.

## 1 A METÁFORA

A metáfora possui um histórico complexo e diversificado diante das diferentes concepções assumidas pelos pesquisadores do tema, em diferentes épocas. Destacam-se neste estudo apenas as concepções mais relevantes à pesquisa: a *visão cognitiva* que a traduz em um sistema conceptual que fornece o embasamento metafórico e a *visão pragmática atual* que advoga a metáfora como tipo de atividade.

Para Lakoff e Johnson (1980; 2002, p.46-48), proponentes da concepção cognitiva da metáfora, “o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora”. Para eles, “a essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”, o que significa dizer que as metáforas têm base cognitiva e, por isso, não são assuntos da língua, mas do pensamento ou da ação. Nesse sentido, praticamente tudo o que se diz ou se escreve carrega um conteúdo extremamente metafórico.

O modelo proposto por Lakoff e Johnson (1980; 2002, p.59-69 e 76) estabelece: (a) *metáforas estruturais* – definidas como um conceito estruturado em termos de outro, por exemplo, ‘pessoas são animais’; (b) *metáforas espaciais ou orientacionais* – que dão a um conceito uma orientação espacial; organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro a partir de várias bases físicas, sociais e culturais possíveis que estão enraizadas na experiência física e cultural e, por isso, não construídas ao acaso. Nas línguas orais ocidentais,

---

<sup>2</sup> A literatura que diz respeito a ‘fraseologismos’ concebe esse termo de diversas formas. Neste trabalho, entretanto, o termo ‘fraseologismo’, está empregado para referir-se a unidades lexicais com mais de uma palavra. Dentre os fraseologismos destacam-se as locuções, as expressões idiomáticas, as frases feitas, os provérbios, as colocações, as gírias, os modismos, os clichês, os refrães etc.

‘para cima’ vs ‘para baixo’ referem-se a estar bem/coisas positivas/bom vs estar mal/coisas negativas/ruim; e (c) *metáforas ontológicas* – formas de conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias. Na metáfora ontológica, a mente é uma entidade. Objetos podem ser colocados dentro de um recipiente. Fauconnier (1985) amplia a visão de Lakoff e Johnson e determina que há várias fontes e vários alvos, aos quais denomina *blending* (combinação) – lexias visuais e relações sintáticas.

A visão pragmática atual tem como expoentes Levinson (1983) e Mey (1999). Para eles, as metáforas são um tipo de atividade que não tem origem no cérebro, nem estão exclusivamente conectadas a alguns domínios conceituais dos quais elas podem estabelecer relações com outros domínios ou combinação deles. Elas são vistas como atos pragmáticos que envolvem estreita relação com o que se diz – o ato de fala. Segundo seus defensores, elas se originam na atividade humana cujas ferramentas são cognitivas – dependem, primeiramente, da atividade e não da cognição, que precede a ação. Nesse sentido, as referências são ‘cognitivamente’ partilhadas entre os homens e estas são freqüentemente determinadas pelos princípios culturais e sociolinguísticos, uma vez que grupos culturais diferentes podem ver a mesma imagem de forma diferenciada. Por isso, caminhos diferentes da vida corresponderão a metáforas diferentes e a entendimentos diferentes do sentido da vida. Essa visão concebe que uma palavra não tem, *a priori*, um significado ‘colado’ a um significante – é no contexto que este se ‘colará’ a um significado para lhe ser atribuído um sentido entre aqueles possíveis. Afinal, o sentido se altera de acordo com cada contexto e, além do contexto, uma ideologia subjacente a ele determina as posições sociais que fortalecem ou enfraquecem os sujeitos.

Apesar de algumas restrições que vêm sendo feitas à concepção cognitiva da metáfora advogada por Lakoff e Johnson (1980; 2002), e do próprio reconhecimento, de seus autores, da limitação da teoria – por se referirem a um falante idealizado de uma língua –, eles consagraram, até o momento, a visão metafórica cognitiva mais aceita na modernidade e pós-modernidade.

Fairclough (2001, p.241), voltado para o discurso, sintetiza o que há entre as visões cognitiva e pragmática. Ele declara que as metáforas estruturam o modo como pensamos, o modo como agimos e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental, e, além disso, “são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular, que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como

consideram extremamente difícil escapar delas no seu discurso, pensamento ou ação, mesmo quando se chama atenção para isso”. Para ele, um aspecto da mudança discursiva com implicações culturais e sociais significativas é a mudança na metaforização da realidade.

Ao lado da metáfora encontra-se a metonímia, conhecida como figura da “fala” na qual uma palavra ou frase é substituída por outra com a qual ela está proximamente associada. A sinédoque refere-se a um subtipo de metonímia que consiste na representação de apenas uma parte do todo para representá-lo. Assim, ela tem uma função referencial que permite usar uma entidade para encontrar outra. Lakoff e Turner (1989) encontraram-na freqüentemente confundida com metáfora.

### **CONCEPÇÃO DE METÁFORA E METONÍMIA NOS ESTUDOS DA ASL**

Wilcox (2000, p.32) também defende que o traçado metafórico não pode ser entendido sem buscar o somatório do impacto da cultura. Para a autora, “pessoas surdas usam seus olhos para propósitos funcionais, além do que os usam os ouvintes” (WILCOX, 2000, p.34). Nesse sentido, a metáfora nas LS parece estar orientada pela visão<sup>3</sup>. Uma vez que os surdos compreendem o mundo pela visão mais que pela audição, têm uma visão de mundo diferente da dos ouvintes.

Wilcox (2000) afirma que os padrões conceituais não são conceitos inatos individuais, são culturalmente influenciados pela interação das pessoas ao nosso redor e nos estudos da metáfora na Língua de Sinais Americana (ASL) não se atêm apenas a sinais isolados ou palavras, mas também, e principalmente, a valores da comunidade surda. A autora lembra que os conceitos da comunidade surda sobre si se substituíram através dos anos, e as metáforas usadas para descrever seu grupo cultural de pessoas têm mudado também. Segundo ela, muitas das primeiras descrições que as pessoas surdas escolheram para usar ao se descrever incluíam termos como ‘silêncio’. Havia ‘Clubes do Silêncio’, ‘Jornal do Silêncio’ etc. Correntemente, há uma tentativa de excluir o que se tornou um conceito frágil – silêncio – e incluir termos como ‘vendo’, ‘visão’, ou ‘surdo’, como em ‘Dia da Visão’ ou ‘Dia da Consciência Surda’, esforços que acentuam os aspectos positivos do grupo (WILCOX, 2000, p.34).

---

<sup>3</sup> É importante salientar que não se trata de uma visão determinística, como propunha Sapir Whorf, no apogeu da Lingüística Estruturalista. Por isso, não determinada, mas orientada pela visão.

Entre os estudos da metáfora na ASL, apresentados por Wilcox (cf. Wilcox, 2000), este trabalho põe em destaque os de Wilbur (1987 apud WILCOX, 2000, p.48) e Brennan (1990, apud WILCOX, 2000, p.50-3). Ambas apóiam seus estudos na teoria de Lakoff e Johnson (1980). Brennan lembra que referentes de palavras reais sejam concretas, abstratas ou estejam em algum ponto entre o concreto e o abstrato, são marcadas por uma forma simbólica visual, por exemplo, uma metáfora e estabelece metáforas estruturais, espaciais e ontológicas na ASL. Ela identifica metáforas espaciais, paralelamente às metáforas orientacionais descritas por Lakoff e Johnson (1980; 2000) e nota que encontrar metáforas estruturais em ASL é talvez a pesquisa mais difícil, uma vez que essa concepção conceptual da metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, em termos de um domínio muito diferente do da experiência, como um mapeamento sistematicamente estruturado de um domínio de origem (concreto) a um domínio alvo (abstrato). Brennan (1990, p.23 apud WILCOX, 2000, p.50-1), por sua vez, defende que as relações metafóricas são parte integrante da organização estrutural da BSL e participam ativamente na geração de novos sinais. Ela sugere que é possível agrupar sinais individuais num conjunto que partilha a mesma metáfora subjacente e nota que a comunicação efetiva, freqüentemente encontrada entre os sinalizantes de diferentes LS, pode ser oportuna para as relações do código visuo-espacial partilhado e para a exploração dele com a construção sobre a qual a metáfora está baseada.

Ferreira-Brito (1995), ao tratar de metáforas orientacionais na LSB, identifica a mesma relação apontada por Lakoff e Johnson (1980; 2002) nas línguas orais ocidentais, ou seja, ‘para cima’ vs ‘para baixo’ referem-se a estar bem/coisas positivas/bom vs estar mal/coisas negativas/ruim. Ela acrescenta que, em LSB, o futuro é representado por um movimento para frente, enquanto o passado, por um movimento para trás. Assim, tem-se semana passada – movimento para trás –, semana que vem – movimento para frente –. Os sinais realizados em contato ou próximos a determinadas partes do corpo pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizado a partir de características icônicas: o que se refere à visão é realizado perto dos olhos; o que se refere à alimentação, perto da boca; o que se refere a sentimentos, perto do coração; o que se refere a raciocínio, perto da cabeça (FERREIRA-BRITO, 1995).

Segundo Wilcox (2000, p.48), para surdos americanos, ‘alegria’ também é para cima; contudo, para os surdos japoneses, alegria e prazer possuem efeitos calmos no corpo. Na

Língua de Sinais Japonesa (JSL), o sinal para alegre move a cabeça para trás e para baixo. Sinais para riqueza e promoção são projetados para fora ao invés de para cima. Na ASL, maldade, tristeza, doença, morte são para baixo, enquanto na JSL, um movimento para baixo e para fora, pode confundir um americano não familiar com a metáfora encontrada na JSL (WILCOX, 2000, p.188). Enfim, acima-abaxo, frente-trás, dentro-fora, perto-longe correspondem a funções corporais que, principalmente nas LS, podem e são metaforizadas pela própria tendência da modalidade. As diferenças entre as amostras da metáfora na LS da cultura ocidental em contraste com as da cultura oriental mostram como há um forte componente cultural na língua que também gera a metáfora.

Segundo Wilcox (2000, p.188), na JSL a área em volta do umbigo e tórax é considerada o centro do pensamento. Os sinais relacionados ao pensamento se iniciam nesse local. Na ASL, na Língua Britânica de Sinais (BSL), como na LSB, o processamento do pensamento ativo é indicado perto da porção frontal da cabeça, onde o pensamento e os processos cognitivos são geralmente associados. Segundo Brennam (1990, apud WILCOX, 2000, p.52), quando o sinal de pensar é representado pelo componente fonológico, a configuração de mão (CM) do indicador estendido na frente é icônica para uma metonímia do referente. Assim, a frente é uma metonímia do cérebro e pensamentos. Ao que parece, comparando-se aos outros pesquisadores sobre a metáfora na ASL, tais observações tornam o item pensar, não-icônico, como bem observa Brennam (1990, apud WILCOX, 2000, p.52), é icônico para uma metonímia e fazer parte de um campo semântico específico é pertencer a um campo metafórico.

A respeito da metáfora ontológica, nas LS, a informação pode ser metaforicamente colocada em um recipiente e manejada por meio de classificadores (CLs) e CMs, via o conduto metáfora. Segundo Wilbur (1987 apud WILCOX, 2000, p.49), as pessoas pegam idéias – objetos – de suas mentes – recipientes – e colocam-nas em palavras – recipientes – para transferi-las para outras. Segundo Wilcox (2000, p.49), a metáfora do recipiente na ASL, entretanto, pode ser mais poderosa que uma simples metáfora ontológica que denota uma entidade abstrata.

Grosso modo, pode-se dizer que um item lexical é criado em LS a partir de uma metonímia do referente. Nos exemplos ‘cavalo’, ‘coelho’ e ‘boi/vaca’, as partes do corpo – orelhas ou chifres – são escolhidas, prototipicamente, por muitas línguas de sinais para representar o referente, ou seja, para especificar o animal inteiro. Em síntese, os chifres –

representação metonímica dos bovinos – dizem respeito a autoridade. Bois são metaforicamente estendidos para representar “presidente”. O sinal que designa um boi é um ícone de chifre; chifre é uma metonímia de boi; boi é uma metáfora de presidente em ASL (WILCOX, 2000, p.90).

## **2 ABORDAGEM METODOLÓGICA APLICADA À PESQUISA**

Esse artigo apresenta apenas um recorte do *corpus* gerado ao longo de três anos – de 2000 a 2003. O *corpus* constitui-se de itens e/ou fraseologismos da LSB, extraídos de protocolos verbais registrados em diversos contextos de interação formal e/ou informal entre a pesquisadora e os surdos, bem como a partir de situações vivenciadas em outros eventos comunicativos e relatadas à pesquisadora, pelos próprios surdos. Tais eventos comunicativos suscitaram várias discussões metalingüísticas, de forma a contribuir para um melhor entendimento da relação dos surdos com o mundo e com sua língua – especialmente, das manifestações metafóricas que, trazidas à consciência, puderam levar os surdos a melhor entender sua cultura e a cultura ouvinte, e vice-versa.

Esse *corpus*, sobre o qual serão apresentadas algumas reflexões, foi gerado em uma pesquisa-ação desenvolvida com a participação de jovens e adultos surdos pertencentes à comunidade surda de Brasília, em escola pública de nível médio, do DF<sup>4</sup>, em contexto de formação de professores surdos. Essa pesquisa sustenta-se sobre metodologia qualitativo-interpretativista de pesquisa, não etnográfica por excelência, mas sob lentes etnográficas, uma vez que interpreta fenômenos sócio-culturais presentes na interação comunicativa surdo-ouvinte-surdo.

O *corpus* gerado pela pesquisa foi inventariado, fotografado, descrito, contrastado com a LP, classificado com base nas semelhanças e diferenças na forma e no sentido dos itens e/ou fraseologismos da LSB equivalentes com itens e/ou fraseologismos da LP. Com base nessa classificação, propôs-se uma taxionomia. Enfim, além de apresentar a rica metáfora que permeia a LSB, reflete sobre as metáforas localizadas em atos pragmáticos, originadas na própria LSB, ou seja, sem equivalentes na LP.

Para entender melhor o *corpus* gerado, procurou-se uma postura ética ao estranhar o familiar e uma postura êmica ao familiarizar-se com o estranho (ERICKSON, 1990). Ao mesmo tempo, se baseou na literatura apresentada anteriormente, acrescida de introspecção da

---

<sup>4</sup> Escola Normal de Taguatinga, situada na QSD 32 ae 1/2, Taguatinga Sul, Brasília – DF

pesquisadora, falante nativa da LP e aprendiz de LSB, em contato com membros da comunidade surda.

Acredita-se que a forma ideal para a apresentação da glosa dos itens e/ou fraseologismos da LSB gerados e analisados na pesquisa seria por meio da escrita da LS, cuja forma mais comumente difundida é conhecida por *sign writing*. Entretanto, por não ser dominada pela pesquisadora e, também, por ser pouco conhecida por vários leitores, optou-se por registrar o *corpus* em LSB por meio de fotografias digitais, para tornar a visualização e a articulação dos itens lexicais da LSB acessível.

A tradução de termos de uma língua para outra é problemática, pois não há relação biunívoca de uma palavra na língua fonte por outra da língua-alvo e corre-se o risco de a glosa cristalizar os significados, desconsiderando os diferentes contextos que implicam significados diferentes. Entretanto, é preciso tomar decisões com relação a ela. Este aspecto gerou bastante reflexão nesta etapa da pesquisa. As escolhas feitas levaram em consideração o fato de que, às vezes, na seleção de determinada glosa, a metáfora presente na língua de origem desaparece. O que é expressão idiomática numa língua pode soar estranho, ao ser traduzido para a outra. Para não restringir a glosa a um único termo ou expressão, foram apresentados, na medida do possível, fraseologismos e/ou itens lexicais possíveis para a tradução de cada item ou fraseologismo, tentando, ao mesmo tempo, não comprometer o sentido original na LSB.

A pesquisa se desenvolveu nas seguintes etapas: (a) Levantamento do *corpus*: inventário de itens lexicais e fraseologismos da LSB; (b) reflexão sobre o *corpus*; (c) contraste entre os itens e/ou fraseologismos da LSB e os da LP – submissão dos mesmos a uma taxionomia estabelecida segundo semelhanças e diferenças na forma e no sentido dos itens e/ou fraseologismos da LSB em contraste com a LP. Essa taxionomia foi adaptada do modelo proposto por Alvarez-Ortíz (2000) no qual a autora leva em conta: (a) expressões idiomáticas de elementos e conteúdos semelhantes; (b) expressões idiomáticas de elementos diferentes, mas semelhantes no significado; (c) expressões idiomáticas com um ou mais elementos semelhantes e outros elementos diferentes, mas com igual sentido.

A disposição das imagens, no *corpus* reflete os diferenciados tratamentos que receberam as estruturas encontradas, com o objetivo de tornar clara a articulação dos itens lexicais em LSB. Assim, uma única imagem fotográfica com ou sem setas equivale a um único item lexical; fotografias unidas, uma ao lado da outra, com ou sem seta, também equivalem a um único item lexical, foram assim representados especialmente aqueles que

mudam de CM durante sua articulação; imagens fotográficas, lado a lado uma com a outra, mas não emendadas equivalem a fraseologismos; os *verbos*, na glosa, também estão destacados em outra cor para reforçar a hipótese de classificação dos *itens ideativos* como verbos leves – hipótese levantada na análise, mas não aprofundada nesse estudo –; assinaladas por **A** e **A'** encontram-se os itens reflexivos, cuja classificação verbal é denominada por alguns especialistas, e também por Quadros (1997, p.60), como *com concordância*.

### 3 CORPUS GERADO

O *corpus* foi dividido em duas partes: a primeira traz uma amostra de descrição sincrônica e descontextualizada de itens e/ou fraseologismos metafóricos. Esses itens e/ou fraseologismos estão aleatoriamente dispostos sob a seguinte apresentação taxionômica: (a) itens e/ou fraseologismos da LSB com metáfora e sentido equivalentes a itens e/ou fraseologismos da LP; (b) itens e/ou fraseologismos da LSB com metáfora diferente e sentido equivalente a itens e/ou fraseologismos da LP; e (c) itens e/ou fraseologismos da LSB sem equivalentes cristalizados na LP. Para redimir a extração do contexto, tendo em vista a sua importância e vislumbrando uma análise dos atos de fala inseridos em seus contextos, na segunda parte, os itens e/ou fraseologismos selecionados foram relacionados aleatoriamente, acompanhados de relato sintético do contexto de ocorrência.

#### 3.1 CORPUS GERADO – PARTE I

##### 3.1.1 METÁFORA EQUIVALENTE (EQUIVALENTE NA FORMA E NO SENTIDO): ITENS E/OU FRASEOLOGISMOS DA LSB EM CONTRASTE COM ITENS E/OU FRASEOLOGISMOS DA LP

I 	II 	II 
(TER/SER)-CARA-DE-PAU FOLGADO!	(TER/SER)-CABEÇA-DURA (SER)-IGNORANTE SER-INFANTIL	PEGAR-NO-PÉ, PUXAR-PARA-O-LADO-DE SEGURAR

<p>IV</p> 	<p>V</p> 	<p>VI</p> 
<p><b>ESTICAR</b>-CONVERSA  <b>FALAR</b>-DEMAIS          CONVERSA-LONGA</p>	<p><b>CAIR</b>-O-QUEIXO!  <b>FICAR</b>-BOQUIABERTA!  <b>FICAR</b>-DE-QUEIXO-CAÍDO!  <b>FICAR</b>-ADMIRADO!  <b>FICAR</b>-HORRORIZADO!  <b>ESTAR</b>-PASMO!</p>	<p><b>ENTRAR</b>-POR-UM-OUVIDO-E-<b>SAIR</b>-PELO-OUTRO!  <b>NÃO-DAR</b>-OUVIDOS  <b>FAZER</b>-OUVIDO-DE-MERCADOR!  <b>NÃO-ATENDER</b>!  <b>FINGIR</b>-NÃO-OUVIR</p>
<p>VII</p> 	<p>VIII</p> 	<p>IX</p> 
<p><b>(TER)</b>-LÍNGUA-GRANDE  <b>(SER)</b>-LINGUARUDO</p>	<p><b>ARREPIAR</b>-OS-CABELOS  <b>FICAR</b>-COM-OS-CABELOS-EM-PÉ  <b>ASSUSTAR</b></p>	<p><b>SEGURAR</b>-VELA</p>
<p>X</p> 	<p>XI</p> 	<p>XII</p> 
<p><b>QUEBRAR</b>-A-CARA</p>	<p><b>ESTAR</b>-CARA-A-CARA / <b>ENCARAR</b></p>	<p><b>ESTAR</b>-CARECA-DE-SABER</p>
<p>XIII</p> 	<p>XIV</p> 	<p>XV</p> 
<p><b>DAR</b>-COM-A-CARA-NA-PORTA</p>	<p><b>FALAR</b>-PELAS-COSTAS / <b>NÃO-ESTAR</b>-PRESENTE</p>	<p><b>QUE</b>-LERDEZA!  <b>SER</b>-VAGAROSO-DEMAIS!  <b>SER</b>-UMA-LESMA!</p>

**3.1.2 METÁFORA SEMELHANTE (EQUIVALENTE NO SENTIDO, MAS DIFERENTE NA FORMA): ITENS E/OU FRASEOLOGISMOS DA LSB EM CONTRASTE COM ITENS E/OU FRASEOLOGISMOS DA LP**

<p>XVI</p> 
<p>QUE-CIÚME!; <b>ESTAR</b>-COM-DOR-DE-COTOVELO; <b>ESTAR</b>-COM-CIÚME!</p>
<p>XVII</p>

	
ME-PEGAR; FICAR-APAVORADO!; SER-PEGO	
XVIII	
	
ou	
NÃO-QUERO-SABER-MAIS-DISSO!; (FAZER)-X-NUNCA-MAIS! CRUZ-CREDO!; DEUS-ME-LIVRE!	
XIX	
	
A	A'
DAR/LEVAR -O-BOLO; DAR/LEVAR-O-CANO; FALHAR-COM-ALGUÉM PISAR-NA-BOLA; DEIXAR-X-NA-MÃO; FICAR/ESTAR-DECEPCIONADO	
XX (expressão adaptada da LP)	
	
FINGIR-NÃO-VER; ENTRAR-NUM-OLHO-E-SAIR-NO-OUTRO	
XXI	
	
ESTAR-APERTADO-PARA-IR-AO-BANHEIRO; ESTAR-COM-DOR-DE-BARRIGA	
XXII	
	
MORRER-DE-RIR; CHORAR-DE-RIR	

**3.1.3 METÁFORA DIFERENTE (DIFERENTE NO SENTIDO E NA FORMA): ITENS E/OU FRASEOLOGISMOS DA LSB SEM ITENS E/OU FRASEOLOGISMOS EQUIVALENTES NA LP**

XXIII	
(TER)-OUVIDO-BARATO	
XXIV	
(TER)-OUVIDO-CARO	
XXV	
(TER)-MÃOS-DURAS (QUE-INTÉRPRETE)-SEM-FLUÊNCIA-EM-LS!	
XXVI	
(TER)-MÃOS-LEVES (QUE-INTÉRPRETE)-FLUENTE-EM-LS!	
XXVII	
QUE-OBSERVADOR-AGUÇADO-(VOCÊ-SER)! QUE-VISÃO-PRECIOSA! QUE-OLHOS-DE-ÁGUIA! QUE-VISTA-CARA! QUE-VISTA-AGUÇADA!	



## 3.2 CORPUS GERADO – PARTE II

XXIX	XXX	XXXI	XXXII
<p>“cuspir aula”, em LS  <b>MATAR</b>-AULA  <b>DEIXAR</b>-DE-FAZER-X  <b>FALTAR</b>-COMPROMISSO          Contexto: termo usado ao faltar a uma aula.:</p>	<p><b>VOMITAR</b>-ALGUÉM  <b>DESPREZAR</b>-ALGUÉM          Contexto: termo usado para desprezar alguém.</p>	<p><b>ESTAR</b>-MORTO!  <b>ESTAR</b>-DEGOLADO!  <b>CHEGAR</b>-ATRASADO          Contexto: termo usado para dizer que uma pessoa se prejudicou por algo que fez.</p>	<p>AO VIVO!          EM CARNE E OSSO!          FULANO EM PESSOA!          PESSOALMENTE!          Contexto: Termo usado para mencionar a presença física do referente no local do evento enunciado pelo ato de fala registrado.</p>

## 3.3 REFLEXÕES A RESPEITO DO CORPUS APRESENTADO

Seguem algumas reflexões a respeito das metáforas relacionadas dentro da taxionomia sugerida com base no contraste dos itens e/ou fraseologismos da LSB e da LP e a respeito daquelas localizadas em atos pragmáticos, originados na própria LSB e cujos equivalentes na LP são distantes da metáfora presente na LSB. Tais reflexões apontam uma série de elementos que podem ser aprofundados posteriormente e que não foram escopo deste trabalho.

## 3.3.1 METÁFORAS

Foram identificados, no *corpus* gerado, alguns termos/idéias cuja base é física, como apresentam Lakoff e Johnson (1980; 2002). Referem-se a características próprias da natureza humana. São termos que se originam de reações orgânicas voluntárias ou não e que se relacionam direta ou indiretamente com contextos específicos como **CUSPIR** (figura XXIX), **VOMITAR** (figura XXX), **ESTAR-MORTO** (figura XXXI), **ME-PEGAR** (figura XVII) – que se remete ao enrubescimento da face quando se fica com vergonha de algo; **FICAR-COM-OS-CABELOS-EM-PÉ** (figura VIII) – que se remete ao fato de ficar arrepiado quando se leva um susto. Destaca-se, ainda, **CAIR-O-QUEIXO** (figura V) – reação física

que, acontece, naturalmente com os indivíduos diante de um cenário de contemplação ou espanto etc.

Também foram identificadas metáforas orientacionais relacionadas à negação. Muitos itens que carregam uma idéia negativa associada a desprezo, rejeição, aversão, trazem a metáfora do distanciamento do corpo, como: **VOMITAR** (figura XXX); **CUSPIR** (figura XXIX); **DEUS-ME-LIVRE!** (figura XVIII). Todo conceito que envolve a rejeição é distanciado do corpo, é ‘para fora’ e ‘para baixo’. Há evidente um movimento de expulsão de algo que não se quer, não se precisa. A expressão facial também é de ‘careta’, uma expressão que implica, normalmente, algo negativo e rejeitado.

Deve-se considerar ainda que na própria comunidade surda pesquisada pode haver variação lingüística com relação à metáfora e aos itens ideativos. É preciso entender que muitos dos itens e/ou fraseologismos identificados no *corpus* são metáforas vivas na LSB de outros estados brasileiros, enquanto outros podem apresentar variação. Dentre os que apresentam variação lingüística com relação à variante de Brasília, da LSB, é possível citar **CARECA-DE-SABER** (figura XII), encontrada na variante de LSB de Porto Alegre, forma lexical, diferente da variante da comunidade surda de Brasília, apesar de a metáfora ser a mesma.

Os atos de fala estão recheados de diferentes usos da metáfora como atividade humana. É o ser humano utilizando-se de ferramentas cognitivas para se expressar. Somente o contexto determina se **CARNE** está significando a carne propriamente dita ou **ESTAR-PESSOALMENTE-EM-ALGUM-LUGAR / AO-VIVO!** (figura XXXII). Enfim, se o item está empregado em seu sentido mais ou menos comum ou se está no domínio fonte ou alvo – metafórico.

As construções metafóricas apresentadas no *corpus* da parte II foram legitimamente geradas na LSB. Elas diferem consideravelmente daquelas construídas por ouvintes, falantes nativos de LP. De forma bastante precisa, essa evidência confirma que a visão pragmática que os indivíduos têm do mundo inclui concepções culturais e sociais as quais não são as mesmas partilhadas pelos falantes de todas as línguas, independentemente de partilharem o mesmo espaço físico, como é o caso das pessoas surdas que possuem experiência de mundo diferenciada da dos ouvintes.

### 3.3.2 NEOLOGISMOS E EMPRÉSTIMOS

O *corpus* metafórico encontrado na LSB, efetivamente, demonstra uma riqueza de itens lexicais que expressam unidades complexas de pensamento, na maioria das vezes, relacionados a ‘idéias’. Tais idéias complexas, subjacentes aos itens da LSB, assemelham-se a ideogramas – símbolos gráficos, imagens convencionais ou desenhos que representam um objeto ou uma idéia, não um fonema ou uma sílaba, mas uma ou mais unidades de sentido (HOUAISS, 2001).

A análise dessas unidades evidencia que vários desses itens e/ou fraseologismos da LSB têm fraseologismos equivalentes na LP e, especialmente aqueles mais idiomáticos, cuja metáfora é semelhante nas duas línguas em questão, apontam para empréstimos da LP à LSB. Isso ocorre, provavelmente, devido ao contato das duas línguas, ou seja, um fato até certo ponto previsível, visto que uma comunidade surda, falante da LS, é multicultural e o contato de duas culturas parece influenciar o léxico de ambas. É provável que, à medida que a LSB vá se socializando e penetrando mais nos ambientes ouvintes, esse fenômeno acarrete empréstimos lingüísticos, também, da LSB para a LP, um percurso natural de duas línguas em contato.

Um neologismo, e também um empréstimo, em LS pode, como os modismos, se perderem ou serem incorporado à língua. Caso haja a incorporação, um neologismo ou empréstimo pode passar pelo processo de lexicalização. Curiosamente, boa parte dos fraseologismos registrados com metáfora equivalente nas duas línguas, parece ser contemporânea aos fraseologismos da LP. Entretanto, alguns já caíram em desuso na LP, mas aparecem vivos na LS.

Ainda a respeito dessas unidades complexas, há indícios de que as combinações fixas na LSB não são muitas. Essa hipótese se põe com base na quantidade reduzida de combinações fixas encontradas na LSB, mas é posta em xeque diante do conhecimento incipiente que a pesquisadora tem da LSB. Para elucidar as combinações realmente fixas na LSB, faz-se necessário a gravação de horas de eventos interativos entre surdos, o que demanda uma pesquisa específica sobre o tema.

Outra hipótese para essa ocorrência pode ser atribuída à modalidade vísuo-espacial e ao caráter sintético das LS, que permitem a articulação de idéias em itens lexicais – *grosso*

*modo*, propriedades avaliadas por muitos como marcas de língua pobre e simplificada, principalmente por que um único item numa LS, por vezes, exige uma frase completa ao ser traduzida para uma língua oral –. Entretanto, essa configuração das LS é riquíssima e altamente complexa, pois possibilita a realização sequencial e simultânea de constituintes “fonológicos”. Na LP, esse fenômeno ocorre no processo de formação de palavras por aglutinação – constituintes fonológicos e morfológicos se aglutinam e formam uma unidade lexical simples –. Dessa forma, um único item lexical é capaz de apresentar uma simultaneidade e complexidade enorme de sentidos. Esse fenômeno ecoa na argumentação de Stumpf (2002, p.67), que sustenta que “conceitos que nós surdos passamos a usar seguidamente em língua de sinais brasileira e precisam de vários sinais para explicar acabam por dar origem a um novo sinal. Por exemplo, a palavra disciplina. Falávamos aula de história, aula de português etc. agora temos um sinal para disciplina”.

Foram identificadas metáforas que flutuam entre um item e um fraseologismo, questão que corrobora a hipótese de Stumpf (2002) e endossa o surgimento dos neologismos em LS. Na constituição discursiva de um neologismo que se baseia em uma idéia, em LS, muitas vezes ele surge numa formação fraseológica que, aos poucos se modifica e se lexicaliza num único item lexical. Por exemplo, foram encontrados, no *corpus*, a frase **QUEBRAR CARA** – não ilustrada nesse trabalho – e o item **QUEBRAR-A-CARA** (figura X). Representam, respectivamente, a constituição fraseológica, discursiva e transitória de uma idéia que parece caminhar para a lexicalização em uma unidade lexical simples, de um empréstimo lingüístico da LP para a LSB.

À luz dessa hipótese, pode-se dizer que os fraseologismos da LSB estariam, ainda, no nível da discursivização, uma vez que formas lexicalizadas e gramaticalizadas tendem a se cristalizar, nas LS, por meio de uma unidade lexical simples. Esses itens que cristalizam idéias em unidades lexicais com um único significante, porém com significado amplo e complexo, está sendo denominado, neste trabalho, de ‘ideativo’ – relativo a idéia ou idéias, etimologicamente, ideado (HOUAISS, 2001). Essa idéia, conceito ou unidade complexa de pensamento que não corresponde, morfológicamente, a uma das classes de palavras conhecidas da gramática tradicional, parece ocupar uma posição de ‘verbo leve’ – aquele sem valência, que perde seu significado e passa a ser utilizado com função gramatical – e/ou simplesmente interjeitiva.

Uma vez que esses verbos abarcam um conceito geral, amplo que se aproxima de uma

idéia, talvez fosse possível falar em ‘categoria ideativa’. Por outro lado, os itens em questão podem simplesmente ser tratados como meros itens léxico-gramaticais de uma língua sintética, cuja modalidade permite sobrepor estruturas complexas, conceptualizadas e/ou metaforizadas no espaço, em contraste com uma língua mais analítica como é o caso da LP.

Embora a maioria dos dados gerados se referirem diretamente a um item lexical, também foram encontrados alguns fraseologismos que representam uma formação relativamente estável em LSB. Para sustentar a hipótese que ora se elege, esses itens ideativos com representação fraseológica podem ser transitórios, por estarem no nível do discurso e, ainda, não lexicalizados. Todas essas hipóteses emergentes das reflexões a respeito do *corpus*, carecem de estudo mais aprofundado para que possam ser confirmadas ou refutadas.

Uma outra hipótese a ser testada a respeito da lexicalização das unidades complexas em um único item lexical pode estar associada ao nível de proficiência do falante de LSB: o surdo com maior grau de proficiência na LSB usaria mais expressões ou itens ideativos que surdos com menor grau de proficiência na LSB, ou mais especificamente, aqueles que têm formação mais bimodal. Esse processo parece ocorrer de forma semelhante com ouvintes no processo de aquisição da LS.

Por fim, se vier a ser confirmada e generalizada a evidência de Stumpf (2002, p.67) de que a LS tem uma tendência a transformar paráfrases em um único item lexical, será plausível afirmar que um fraseologismo em LS tem uma tendência a se cristalizar na forma de um item lexical, processo facilitado pela modalidade da língua – visuo-espacial – e por seu caráter de estrutura morfossintática 'sobreposta'. Essa hipótese encontra respaldo no princípio da economia lingüística que, grosso modo, sustenta que o falante tende a não explicitar informações estruturais consideradas redundantes.

### 3.3.3. EVIDÊNCIAS GRAMATICAIIS

Alguns itens deixaram bem clara a manifestação das ENM como traços distintivos nas LS. Muitos pares lexicais foram identificados por meio de uma ligeira alteração da ENM. Alterando-se a ENM, traço fonológico da LSB, altera-se o significado e, muitas vezes, o *status* semântico do termo, que passa de um item lexical simples para uma unidade complexa de pensamento – item ideativo. Por exemplo, **MORRER** – perder a vida – vs. **ESTAR-MORTO** (figura XXXI) – apagamento do indivíduo em determinado grupo; perda de

oportunidade etc.

A marca gramatical da concordância verbal com o objeto também emergiu no *corpus*. Esse fato reforça a hipótese de que os itens chamados de ideativos se referem a verbos leves, cuja concordância se faz com qualquer pessoa do discurso. Veja-se: **PEGAR-NO-PÉ** (figura III) e **DAR-O-BOLO** (figura XIX).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É por meio da interação comunicativa entre os falantes que os neologismos e empréstimos lingüísticos se consolidam ou caem em desuso e, portanto, figuram o léxico de uma língua. Isto é, as reorganizações e as ressignificações dos termos da língua dão origem a formas mais ou menos aceitas pela comunidade que os usa.

Este trabalho tentou conduzir os participantes da pesquisa à consciência de sua linguagem, à descoberta dos recursos que utilizam para dizer algo, traduzindo também suas percepções do mundo. É preciso mostrar aos surdos que dentro dos diferentes contextos as palavras mudam seu sentido original, “ressignificam” e surgem novas possibilidades de interpretação, normalmente aceitas pela comunidade que as usa. Nesse sentido, a pesquisa buscou elucidar elementos que podem contribuir para a interpretação dos sentidos metacomunicativos e metaculturais subjacentes à LSB, por meio de uma análise que pode e deve ser amplamente enriquecida e aprofundada. Acredita-se ter lançado hipóteses e deixado pistas que podem ser utilizadas em outras análises.

Além de confirmar a existência da metáfora na LSB, este trabalho buscou conhecer os processos metafóricos produtivos na LSB em contraste com os mesmos processos na LP para conscientizar os surdos brasileiros, falantes de LS a respeito desse processo, bem como professores ouvintes e intérpretes a respeito de possíveis traduções de unidades fraseológicas da LSB para a LP, no intuito de aprimorarem sua prática pedagógica e de interpretação.

Cabe lembrar que o levantamento realizado está longe de se saturar e, portanto, continua aberto para aprofundamento e estudo das hipóteses levantadas. Espera-se, porém, que com os itens e/ou fraseologismos relacionados e discutidos – e que ora se apresentam reduzidos – se possa criar mais recursos que convirjam não somente para os estudos da metáfora da LS, mas também para a construção de metodologias especializadas no ensino de línguas para surdos, pois se percebe que, apesar de alguns desses itens e/ou fraseologismos, por empréstimo ou coincidência, existirem na LSB e na LP, os surdos não conhecem sua forma escrita em LP e,

portanto, não os identificam em sua leitura e muito menos os empregam em seus textos. Por esse motivo, gerar o *corpus* em LSB e contrastá-lo com a LP contribui indiretamente para o ensino de LP para surdos, ou seja, o *corpus* gerado e as reflexões provenientes da pesquisa aqui descrita podem ter repercussões não somente nos estudos lingüísticos da LSB, como no macrocosmo da educação de surdos.

Por fim, essa pesquisa reforça o *status* lingüístico da LSB e sustenta que suas estruturas metafóricas são legítimas. As metáforas se processam na LS como em qualquer outra língua e não se restringem a empréstimos adquiridos da LP, mas também, e em grande parte, a estruturas originadas no contexto e motivadas pela significação de mundo partilhada pelos surdos em sua comunidade. É importante que os surdos saibam que as metáforas também estão presentes na LSB e que, normalmente, não são percebidas porque estão naturalizadas por seus falantes. Da mesma forma, estão presentes na LP e naturalizadas pelos ouvintes. Se os surdos entenderem que a metáfora é a busca do entendimento de uma coisa por outra, tentarão buscar nos domínios fontes, alvos possíveis dentro da visão do mundo ouvinte, ampliando-lhes as possibilidades de construção de sentidos e o melhor entendimento do mundo.

#### **REFERÊNCIAS:**

ALVAREZ-ORTÍZ, M.L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba:** Estudo Contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Campinas – Tese de Doutorado, 2000.

BRENNAN, M. **Word formation in British Sign Language.** Ph.D. diss., University of Stockholm, 1990.

ERICKSON, F. **Qualitative Methods:** Research in Teaching and Learning, (Tradução provisória de Stella Maris Bortoni-Ricardo) vol 2, NY: Collier Macmillan, 1990.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 1985.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Tradução: Izabel Magalhães, Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FARIA, S.P. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos.** Dissertação (Mestrado). Brasília: UnB, 2003.

FAULSTICH, E. **Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez,** 2005 (no prelo).

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, Departamento de Lingüística de Filologia, 1995.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/London, the University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_. **Metáforas da Vida cotidiana** (coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto) – Campinas, SP: Mercado de Letras/SP: EDUC, 2002.

\_\_\_\_\_; TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LEVINSON, S.C. **Pragmatics**, London, New York, New Rochele, Melbourne Sydney: Cambridge, 1983.

MEY, J.L. **When voices clash: a study in Literary Pragmatics**, Berlim e Nova York: Mouton, 1999.

QUADROS, R.M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

STUMPF, M.R. Transcrições de língua de sinais brasileira em *signwriting*. In: TESKE, O. *et. al.* (Org.) **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

WILBUR, R.B. **American Sign Language: linguistic and applied dimensions**. Boston: College-Hill Press, 1987.

WILCOX, P.P. **Metaphor in American Sign Language Program at the University of New Mexico**: Albuquerque, NM, 2000.

---

**SANDRA PATRÍCIA DE FARIA**

Licenciada em Letras pela Universidade de Brasília – UnB;  
Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em  
Lingüística da mesma universidade – UnB. Professora de  
surdos do ensino médio da Secretaria de Educação do DF.

E-mail: [sandpattynasc@yahoo.com.br](mailto:sandpattynasc@yahoo.com.br)